

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A Cinemateca com o Doclisboa: Cecilia Mangini
26 de Outubro de 2021

FATA MORGANA / 1961

um filme de Lino Del Fra

Realização e argumento: Lino Del Fra / **Fotografia:** Luigi Scambati / **Montagem:** Renato May / **Música:** Werther Pierazzuoli (Egisto Macchi) / **Texto:** Tommaso Chiaretti / **Produção:** Giorgio Patara (Itália) / **Cópia:** em ficheiro, cor, legendada electronicamente em português e em inglês / **Duração:** 11 minutos / **Estreia Mundial:** data não identificada / mostrado no Festival de Veneza, 1962 / Primeira exibição na Cinemateca.

DOMANI VINCERÒ (PRIMO EPISODIO) / 1969 DOMANI VINCERÒ (SECONDO EPISODIO) / 1969

filmes de Cecilia Mangini

Realização e argumento: Cecilia Mangini / **Fotografia:** Franco Turini / **Montagem:** Sergio Nutti, Giuseppe Giacobino / **Música:** Egisto Macchi / **Assistência de Realização:** Michele Romano / **Som:** Elio Pacella / **Produção:** Radiotelevisione Italiana (Itália) / **Cópias:** em ficheiros, preto e branco, legendadas electronicamente em português e em inglês / **Duração:** 44 minutos (DOMANI VINCERÒ (PRIMO EPISODIO)); 42 minutos DOMANI VINCERÒ (SECONDO EPISODIO) / **Estreia Mundial:** data não identificada / Primeira exibição na Cinemateca.

Duração total da projecção: 97 minutos.

AVISO: as cópias de **Domani Vincerò** (particularmente o primeiro episódio) apresentam zonas com problemas ao nível da estabilidade da imagem. Tal é particularmente problemático nos últimos três minutos de **Domani Vincerò (Primo Episódio)**.

Assinado por Lino Del Fra, **Fata Morgana**, como tantos outros filmes realizados pelo companheiro de Cecilia Mangini, contou com a sua colaboração. Embora não creditada no genérico, Mangini é frequentemente apontada como co-realizadora do filme, como acontece com outras curtas-metragens de Lino Del Fra do mesmo período para as quais não se sabe onde acaba e começa a participação de Mangini, entre as quais **Gita** (1960), **L'inceppata** (1960) ou o posterior **V.&V.** (1969), os dois últimos também mostrados nesta retrospectiva. Premiado em Veneza em 1962, **Fata Morgana** apresenta um conjunto de qualidades que o aproximam dos outros títulos de Mangini do início dos anos sessenta, que se manifestam sobretudo ao nível da admirável articulação entre a realidade filmada e o texto e música que a acompanham, numa montagem de imagens e sons com uma intensidade invulgar no cinema.

Como é anunciado pelo poético e acutilante comentário da autoria de Tommaso Chiaretti, “Fata Morgana” (que também corresponde ao título de um filme de Ulrike Ottinger, que mostramos na Cinemateca na retrospectiva que está a decorrer paralelamente a esta) é o nome de um comboio de emigrantes que chega a Milão vindo do Sul de Itália. O comboio que transporta famílias inteiras que esperam participar do “milagre italiano” proporcionado pelo acelerado desenvolvimento industrial conhecido como “il boom economico”. Contudo, não há lugar ou trabalho para a maior parte daqueles que procuram fugir à miséria e à fome e são empurrados

para os subúrbios de Milão com os seus bairros da lata, como o são para as periferias de outras cidades do Norte de Itália. Este é o tema de **Fata Morgana** e de outros filmes de Del Fra e de Mangini, inclusive dos próprios filmes que completam a sessão, pois os dois episódios de **Domani Vincerò** versam sobre tantos que a sociedade italiana tende a deixar para trás na sua “marcha do progresso”, mas que procuram com todas as forças escapar a um destino provável.

As expectativas frustradas por uma cidade hostil aos mais pobres, revelada pela dissonante música de Egisto Macchi – responsável pela banda sonora da maior parte dos filmes de Cecilia Mangini deste período –, a acompanhar os imponentes edifícios modernos filmados em contrapicado em contraste com as imagens das ruas da periferia onde as crianças brincam por entre barracas e casas degradadas, ocupam o centro de **Fata Morgana**. Se pensamos encontrar acordes da música de Macchi (e partes de músicas) que migram de filme para filme (sejam eles de Del Fra ou de Mangini), deparamos com uma mesma partilha entre filmes ao nível das imagens usadas. Pelo que é sem surpresa que reencontramos algumas das mais fortes imagens de **Fata Morgana** no filme seguinte da sessão. Atentemos por exemplo à menina agarrada a um saco de água de água quente, que não consegue deixar de tremer. Imagem documental que não poderemos esquecer, dada a violência que lhe subjaz, que nesta sessão reencontramos duas vezes. “Nova Iorque, Sidney, Caracas, não. A periferia de Milão. Algo muito diferente do que se esperava.” Também poderia ser Lisboa.

Realizados por Cecilia Mangini para a televisão italiana no final da década de sessenta, os dois episódios de **Domani Vincerò** revelam como o boxe é visto como uma possibilidade de ascensão social pelos rapazes das classes mais pobres. Em 1967, Nino Benvenuti havia vencido o campeonato mundial de boxe, tornando-se um exemplo entre os jovens italianos da classe trabalhadora, que encaravam este desporto como uma possibilidade de escape a um futuro negro de duros empregos mal remunerados e muita pobreza. **Domani Vincerò** procura assim auscultar este movimento associado à procura de um futuro melhor pelos mais jovens, que é outro dos “temas” do cinema de Mangini no seu importante projecto de dar voz e registar a imagem de todos aqueles que não eram habitualmente representados pelo cinema ou, neste caso concreto, pela televisão. Um projecto que traduzia uma perfeita sintonia com uma televisão de cunho educativo e de intervenção que era almejada por alguns sectores da sociedade italiana, que se adaptava na perfeição ao desejo de crítica e de intervenção social da cineasta.

É muito curioso o modo como os dois episódios de **Domani Vincerò** se constroem em torno de uma sucessão de entrevistas a vários desses praticantes de boxe. No primeiro episódio, ao mesmo tempo que estes nos revelam a sua impressão de uma cidade como Milão, vemo-los nos ginásios a treinar, lado a lado com os grandes prédios da cidade ou as fachadas de supermercados, incontestáveis símbolos de uma modernidade a que os retratados ainda não parecem ter acesso. Em som directo, Mangini entrevista vários desses rapazes enquanto se vestem nos balneários, chamando-os a todos pelo seu nome. Reflexo de uma profunda empatia entre aquela que filma e os que são filmados. A segunda parte de **Domani Vincerò** prossegue a investigação sobre o boxe centrando-se num outro conjunto de jovens originários de várias zonas. Do Sul de Itália chegam algumas das mais curiosas imagens do filme: pastores que treinam enquanto passeiam as ovelhas antes de terminarem os seus dias em ginásios improvisados, revelando-se aos mesmo tempo os problemas das pequenas escolas de boxe, onde falta tudo. Aqui a Sardenha é descrita como “reserva de mão-de-obra para a indústria do Continente, mas também para a indústria do boxe”, desporto conotado com toda uma panóplia de fluxos migratórios que, como revela esta sessão, o cinema de Cecilia Mangini e de Lino Del Fra tão admiravelmente conseguiram retratar,

Joana Ascensão